

## Projeto

# aCerca do espaço

### ***Resumo Conceitual: vivências do espaço***

O Grupo Zona de Interferência propõe a intervenção **aCerca do espaço** para poetizar a vivência da cidade, por meio de dispositivos que buscam tensionar as fissuras que a “cidade privatizada” provoca no espaço vivido. Interessa-nos construir uma poética que relacione a concretude do espaço urbano com a forma como cada pessoa o vivencia, subjetivando-se/subjetivando-o, uma vez que esse espaço revela-se, cada vez mais, a partir da esfera da privatização e do consumo, da negação da diferença e da espetacularização da violência. Presente no desenho e na representação simbólica a ele correspondente, o continente privado da vida é apresentado, espetacularizado, desejado e gozado cotidianamente.

A importância que a esfera do privado vem tomando no tecido da cidade é visível. E está presente desde a valorização do transporte individual, em carros carregando apenas um indivíduo, até a onipresença dos shoppings (templos de consumo, aparência e homogeneidade; monumento ao privado e ao totalitarismo *soft* de consumo nada *soft*), alcançando ainda a esfera da cultura (fetichizada e demarcada, hoje, como território de marcas – produtos, pessoas – famosas, às quais agrega valor). Neste processo, encontramos a experiência da rua, território próprio do público e do político, como “residual”– a rua passa a ser uma fissura da cidade, o resíduo, indesejado, daquilo que não se pôde privatizar.

Nesta proposta, desejamos tensionar a dimensão da alteridade que subjaz a esse processo de privatização, posto que os processos de subjetivação produzidos nesta cidade contemporânea, que entendemos como privatizada, parecem sofrer também um movimento de privatização. Ainda assim, entendemos que qualquer reflexão sobre a relação cidade/subjetividade encaminha-nos ao campo político, do mesmo modo como as intervenções urbanas atingem os modos de subjetivação.

Segundo dados divulgados, a cidade de Salvador sofrerá, em breve, uma intervenção que mostra-se cada vez mais comum: o monitoramento por câmeras de vídeo, uma velha-nova tecnologia “orwelliana” de “repressão contra a criminalidade”. Para além de qualquer discussão sobre a validade de tal mecanismo, consideramos importante pensarmos sobre as condições da vida política na cidade controlada, bem como sobre os corpos que nela transitam, vigiados. De acordo com o site oficial da Prefeitura de Salvador:

*“Nos próximos meses, a Prefeitura Municipal de Salvador executará mais uma ação de prevenção à criminalidade na capital, com a instalação de 24 câmeras em pontos estratégicos da cidade, além da implantação de uma unidade de monitoramento. No valor de R\$ 1,043 milhão, o convênio será assinado em Brasília, na próxima segunda-feira (dia 30), entre a Prefeitura Municipal e o Ministério da Justiça. (...) Confira abaixo os 24 pontos de monitoramento onde as câmeras serão instaladas. Terminal da França, Praça Cayru, Piedade, Parque da Cidade, Jardim dos Namorados, Estação da Lapa, Rodoviária de Salvador, Pelourinho, Campo Grande, Sete Portas, Farol da Barra, Porto da Barra, Lagoa do Abaeté, Estação de Mussurunga, Estação Pirajá, Terreiro de Jesus, Ferry-Boat, Comércio, Liberdade, Baixa dos Sapateiros, Mercado Modelo, Itapuã, Avenida Sete e Estação Iguatemi.”<sup>1</sup>*

Deste modo, elegemos 4 desses espaços para serem possíveis alvos de nossa intervenção, a saber: Estação Iguatemi, Praça Cairu, Comércio e, ainda, a Rodoviária de Salvador. Tais escolhas não são aleatórias, mas justificam-se por entendermos que tais lugares poderão favorecer a problematização de nossa questão. São lugares significativos não só pela sua história e uso, mas também pela sua localização e por se situarem, cada um a seu modo, justamente no intervalo entre a dimensão pública e a privada – alvo de nossas ações.

Cada espaço é habitado de várias formas. Adquire significações múltiplas, dependendo do observador e de seu objetivo. Os espaços do centro da cidade são diferenciados em relação a outras partes da cidade: há os que apenas transitam por ele, e há os que o vivenciam de maneira intensa e diferenciada. São freqüentados não apenas por aqueles que ali moram, mas por milhares de pessoas – que ali trabalham, que vão às compras, ou que simplesmente o atravessam para ir a outro lugar. Para o público que faz dele seu cotidiano – moradores de rua, comerciantes, seguranças, vendedores, desocupados –, estes não apenas enxergam o espaço de maneira distinta daqueles que apenas passam por ele, a pé, de carro ou ônibus, mas também o ressignificam e reconstroem.

Foras dos limites móveis do centro, outras significações se aplicam ao espaço, outras formas de transitar. Dentro ou fora, dentro e fora, do centro da cidade, o espaço urbano é sempre dispositivo de produção da vida pública, pois possui a dimensão do humano em todos os seus cantos e em sua produção simbólica.

É o espaço público o espaço do conflito. Contudo, o mundo privado – cercar, controlar, vigiar, conter, intensificar, produzir – propõe proteger-nos deste conflito que, por sua vez, é ineliminável. É preciso, assim, tomar a cidade por seu movimento (pela forma como o espaço é apropriado, produzido e reproduzido), não a perceber apenas por meio de seus aspectos exteriores. Vivenciar a cidade, com suas cercas e muros, delírios de controle e segurança.

---

<sup>1</sup> [http://www.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=10317&Itemid=42](http://www.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10317&Itemid=42)

Materializar e tornar visível o que já se faz familiar e introjetado – subjetivado e desejado. Enfim, entendemos que intervir nesse espaço é transformar sua vivência cotidiana.

A proposta da interferência “aCerca do espaço” é poetizar a relação de cada um com o espaço que o cerca e com as cercas que construímos ao nosso redor. Cercamo-nos para não sermos invadidos, para não sermos atingidos e atravessados. Para nos livrarmos do impoluto e do indesejável. Com isso nos tornamos refratários ao desconhecido e ao próprio desejo do outro. Ao construir as cercas que buscam impedir e acabam por negar ao outro, geramos uma falsa impermeabilidade – a recusa de sermos atingidos pelo outro, exterior a nós. São cercas e muros erguidos cotidianamente pelos muros reais e simbólicos, erguidos na espetacularização da violência. Tornamo-nos reféns desse imaginário, de nossos medos e do que conhecemos. Tolhemos a troca e a proximidade do outro – muitas vezes não a proximidade física, mas justamente a subjetiva, a dimensão dos afetos: afetar-se.

A materialização da cerca é a concretização de nossas estratégias de privação de contato, de aceitação do que é apenas semelhante a nós mesmos.

### ***Processo de Execução***

O processo será executado em duas etapas:

- Na *primeira etapa*, três *performers* “vestirão” cercas individuais (previamente preparadas pelo grupo, elaboradas a partir de materiais simples e cotidianos como madeira e arame), interagindo com o espaço urbano, bem como com seus freqüentadores. Essa etapa dura, em média, de 30 a 40 minutos, podendo se estender de acordo com o interesse e as possíveis provocações feitas pelos transeuntes. Os *performers* transitam pelo espaço com suas cercas concretizadas. Com elas, não podem pegar ônibus, entrar em bancos ou em lojas. Na interação com o público, expõem suas dúvidas e medos (apresentam mini-manifestos poéticos, questionando a forma de estar no mundo, os nossos medos ou inseguranças). O diálogo será travado dessa forma, como uma interlocução poética de fundo filosófico e existencial. Neste momento, o contato é precário – não podem se abraçar, não podem se tocar plenamente, apenas uma parte das mãos, ou mesmo só os dedos entram em contato. As ações não incluem a plenitude da troca afetiva.

- Passa-se, então, à *segunda etapa*, quando os *performers* se desvencilham das cercas colocando-as num espaço delimitado por uma segunda cerca, formada simplesmente por uma fita de isolamento (fita amarela e preta); sentados ao redor desse espaço, convidam o público para outras trocas, envolvendo conversas, mobilidade e ação – o toque, um outro uso da cerca,

o diálogo. O período de execução desta etapa é variável, não sendo inferior a 30 minutos. A intervenção se concretiza neste contraste, se dilui e, aos poucos, é concluída.

**Materiais utilizados:** armação de madeira para as cercas [disponibilizadas pelo grupo]; 12 m de cerca, tipo “galinheiro”, cortada em 3 pedaços de 4m cada.

**Período da execução e duração:** 2 intervenções de 1h e 30 min, nos dias 28 e 29/10 [estas datas podem ser alteradas pela Comissão, desde que o grupo seja previamente consultado].